

O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES E BENEFÍCIOS

Daniela de Moraes Silva ¹

INTRODUÇÃO

Ao abordar a temática da alfabetização deve-se levar em consideração os métodos e procedimentos pautados em fundamentos e teorias que direcionam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. As discussões sobre tais temas ocorreram amplamente no Brasil no início do século XX, trazendo consigo reformulações pois, até então, priorizava-se um processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita que enfatizava a transcrição fonética da fala, utilizando-se assim de um sistema de memorização das letras, da combinação das consoantes, das vogais e das sílabas.

Somente a partir do fim do século XIX, as práticas pedagógicas se reestruturaram em novas metodologias que passaram a considerar o aprendiz como o centro do processo de ensino-aprendizagem. Passou-se a propor então, que a apropriação da língua escrita ocorra através da elaboração do princípio alfabético e pela interação com ferramentas que proporcionem experiências reais de leitura, como através do uso de materiais de diversos gêneros.

Foi também durante esse período que surgiu a compreensão de letramento, devido ao avanço sociocultural que gerou a necessidade do domínio das mais diversas práticas sociais e profissionais de leitura e escrita, inserindo assim, novos métodos que focam no desenvolvimento dessas aptidões diante dos variados gêneros textuais. Essa nova concepção se une ao conceito de alfabetização, ao indicar que o processo de aprendizagem da língua escrita não se dá apenas pela compreensão do sistema alfabético, mas também através da inclusão das suas práticas sociais, dando ênfase na utilização das funções e valores da língua nos distintos contextos socioculturais.

Considerando o aspecto sociocultural como foco para o processo de aprendizagem, é fundamental a inserção do aluno na perspectiva cultural da leitura e escrita, possibilitando a relação com as diferentes situações de apropriação da escrita dos vários gêneros através do uso dessas ferramentas educacionais presentes no cotidiano. Dentre esses materiais pedagógicos, as populares histórias em quadrinhos se destacam por serem acessíveis e conterem um vasto conteúdo artístico e cultural.

As histórias em quadrinhos são uma linguagem que estão diretamente envolvidas no contexto educacional por apresentarem elementos, situações e cenários que contemplam a sociedade e se inserem como componente significativo durante a aprendizagem. Ao abordarem assuntos variados que vão ao encontro do interesse do leitor, elas se tornam um material atrativo para a aquisição das habilidades do uso da língua escrita. Devido a isso, esse

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, dmorais@alu.ufc.br.

estudo tem como objetivos identificar benefícios da utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula, bem como suas contribuições para o processo de alfabetização e letramento.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para atingir os objetivos deste estudo foi a pesquisa bibliográfica, onde as fontes de pesquisas constituem-se de materiais já existentes sobre os temas abordados. Inicialmente é trazido os conceitos de alfabetização e letramento a partir da perspectiva de Magda Soares, em seguida é apresentado os motivos do porque as histórias em quadrinhos constituem uma ferramenta pedagógica e a justificativa para seu uso em sala de aula com base na legislação sobre o tema e no estudo de diversos autores que possuem as HQs como principal objeto de estudo. Por fim, é listado e analisado os resultados obtidos de um estudo prático, realizado por Márcia Catunda, do uso dos quadrinhos como ferramenta de auxílio no processo de alfabetização e letramento.

DESENVOLVIMENTO

A alfabetização é conceituada como o ato de ensinar e aprender a ler e a escrever, no entanto, o que poderia representar a aquisição dessas habilidades? Esses conceitos tem se ampliado à medida que novos métodos têm sido criados com o propósito de compreender e abordar esse processo, entre essas novas concepções surge a definição de letramento, que se entende como os processos pelo qual o sujeito concebe as práticas sociais de leitura e escrita no seu cotidiano.

A necessidade de apropriar-se de tais prática e compreender seus usos na sociedade compõem o conceito de letramento. Apesar das discussões sobre o tema ainda serem recentes, a identificação da problemática diante desse fenômeno já é há bastante tempo referida através de outros termos, pois engloba a precariedade no domínio de normas mais básicas da leitura e da escrita, que podem se manifestar, dentre outras maneiras, a partir da incapacidade de interpretar um texto até a de escrever uma carta ou a de encontrar informações numa bula de remédio.

Magda Becker Soares, pesquisadora na área da educação com ênfase no ensino-aprendizagem, em seu livro *Letramento, um tema em três gêneros* (2010), difere os dois conceitos:

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento, entre alfabetizado e letrado: um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2010, p. 39)

Ainda de acordo com Soares (2017) as três principais facetas que introduzem o indivíduo na língua escrita através de métodos de aprendizagem, são: a faceta linguística, que define a reprodução visual dos sons da língua, denominando-a como alfabetização; a faceta interativa, que concerne às interações da escrita como propagador de informações, condutor de mensagens etc; e a faceta sociocultural que determina a utilização de ferramentas que estimulam o uso e a apropriação da língua escrita nos vários contextos, representando-a como letramento. Essas três facetas relacionam-se como diferentes compreensões linguísticas,

portanto demandam diferentes processos e estratégias para serem desenvolvidas, que incluem a introdução de cenários educacionais e culturais que promovam isso.

A Educação, por sua vez, pode ser definida resumidamente como a apropriação feita por um indivíduo do patrimônio cultural humano acumulado ao longo da história: seus saberes, suas práticas e suas ferramentas. Tal processo humaniza o sujeito, o insere na sociedade e o torna um ser único. (CHARLOT, 2000, p. 115 apud PAIVA, 2017, p. 61)

Levando em consideração o atual contexto social, caracterizado sobretudo pela globalização, considera-se que na educação formal, para que haja uma apropriação cultural onde de fato ocorra a humanização, a socialização e a singularização dos estudantes, o processo de mediação e transmissão da cultura pelo professor deve ser multidisciplinar e valer-se de fontes de informação diversas. De acordo com Sales (2018, p. 18), tal processo pedagógico pode ser realizado através do uso de diferentes mídias como jornais, revistas, internet, livros, televisão e histórias em quadrinhos.

As histórias em quadrinhos (HQs) são mídias extremamente diversas, possuindo diversos formatos, gêneros, temas e públicos-alvo. Segundo Eisner (2010, p. 9 apud BRANDÃO, 2018, p. 35) os quadrinhos são “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” e que “as histórias em quadrinhos apresentam uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais” (EISNER, 2010, p. 2 apud BRANDÃO, 2018, p. 35). Tais características, aliadas ao fato das HQs serem um meio de comunicação em massa popular e acessível, as tornam um recurso didático rico e que proporcionam possibilidades diversas de uso em sala de aula pelo professor.

A popularização das HQs ocorreram a partir da década de 1930 com sua distribuição massiva e grande variedade de histórias e protagonistas, como super heróis, aventureiros e cowboys. Seu público alvo principal eram as crianças e os adolescentes, no entanto nesse período tal faixa etária era concebida como frágil e facilmente influenciável. Essa concepção despertava o medo de que elas iriam reproduzir aquilo que viam nas histórias em quadrinhos, assim como fazê-las desprezar a literatura tradicional, consequentemente prejudicando suas formações. Essa noção impossibilitou a consideração das potencialidades e do uso das HQs como um recurso didático-pedagógico e até mesmo fez com que elas fossem banidas das escolas.

Essas visões podem ser atribuídas à falta de conhecimento na área pois, com o passar dos anos e com a realização de estudos científicos sobre o assunto, foram constatados diversos benefícios sobre o uso da histórias em quadrinhos no contexto educacional formal. Essa nova concepção sobre as HQs torna-se ainda mais evidente quando consideramos que documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), reconhecem os quadrinhos como ferramentas que auxiliam as práticas didáticas e pedagógicas. Os documentos citados “apresentam ao ensino formal brasileiro as HQs como um instrumento da educação, especialmente como ferramenta interdisciplinar e transversal e como um gênero textual, no que se refere ao ensino e aprendizagem das linguagens” (PAIVA, 2017, p. 70).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, vivemos em um mundo que é moldado pela rápida difusão de informações e em escala sem precedentes na história humana. Tal fato torna o domínio da escrita e da leitura, mais do que nunca, imprescindível. Essa realidade é reconhecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais ao afirmar que “atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás” (BRASIL, 1997, p. 25).

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que a alfabetização deve ser o cerne dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. A BNCC determina que o domínio do sistema de escrita alfabética deve ser “articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos” (BRASIL, 2017). Para que tais práticas sejam significativas para as crianças é importante que elas sejam relacionadas ao seus cotidianos, vivências e interesses. Diariamente elas estão em contato com a linguagem escrita, pois ela está presente em revistas, embalagens, propagandas, placas de trânsito, quadrinhos etc. Essa variedade de meios possibilita que o professor, ao utilizar as HQs em sala de aula, aproxime e relacione o processo de alfabetização com a realidade dos estudantes, ao invés de torná-lo um simples processo mecanizado de codificação e decodificação.

As histórias em quadrinhos são populares entre as crianças e se fazem presente no cotidiano delas. Esse material possui dentre suas características a fácil acessibilidade, a variedade de temas abordados e a simplicidade de compreensão. É devido a soma desses fatores que as HQs se tornaram um recurso atrativo para uso em sala de aula pelos professores, além disso sua eficácia como recurso didático já é comprovada e, de acordo com Vergueiro (2004, apud CATUNDA, 2018, p. 76), algumas das razões para o uso dos quadrinhos na educação são: ensino mais eficiente devido a combinação de linguagem verbal e visual, auxílio na criação do hábito de leitura, expansão do vocabulário etc. Tais resultados positivos são obtidos com auxílio do fato das crianças possuírem interesse em ler histórias em quadrinhos.

Em um estudo sobre as histórias em quadrinhos no processo de alfabetização, realizado por Catunda (2018), a pesquisadora constatou que a criança que está no último ano da Educação Infantil e que ainda não sabe ler é capaz de identificar uma HQ devido a alguns dos elementos específicos dessa linguagem (quadros em sequência e desenhos dos personagens), reconhece que os quadrinhos podem ajudar no processo de alfabetização e demonstra interesse por elas. Outro resultado importante obtido foi sobre a capacidade da criança de captar a essência do enredo e narrá-lo, localizar o título da história, e identificar os personagens principais e secundários ao fazer a interpretação das imagens sequenciadas. A autora ressalta que o contato das crianças em processo de alfabetização com as histórias em quadrinhos é importante pois auxilia no desenvolvimento da habilidade de narrativa oral. Percebemos assim, que o uso desse material traz valiosas contribuições nos campos das três facetas linguísticas descritas por Soares.

É preciso ressaltar que o uso das HQs em sala de aula requer planejamento por parte do professor, a intencionalidade é fundamental para que a ação tenha significado e seja bem sucedida. Para tal, necessita-se que haja a apropriação da linguagem dos quadrinhos pelo docente, os elementos que a compõem, suas características e seus significados, pois sem isso

não há como aproveitar todo o potencial que as histórias em quadrinhos podem trazer para a educação e a alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica em sala de aula possibilita o contato com um gênero que antecede a leitura alfabética por conter significado no conteúdo abordado através da sequência ilustrativa. Os leitores são capazes de entender seu conteúdo decifrando os códigos e símbolos das HQs, demonstrando que esse gênero narrativo é apropriado para a aprendizagem inicial da língua escrita.

Os quadrinhos mostram-se com uma ferramenta que oferecem múltiplos benefícios através do seu uso em sala de aula, fato reconhecido e incentivado no âmbito legal. Elas possibilitam a aquisição de habilidades que contribuem no processo de alfabetização e, por possuírem sua própria linguagem e estarem presentes no cotidiano dos estudantes, também contribuem para o letramento.

Constata-se também a importância da intencionalidade da prática e do domínio da linguagem das HQs pelo professor que pretende utilizá-las em sala de aula, pois na ausência destas o significado da ação se empobrece e não há o aproveitamento do potencial deste instrumento.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Histórias em Quadrinhos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B. C. **Conceituando alfabetização e letramento.** In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márica. (Org.). Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, p. 11-21, 2005.

BRANDÃO, D. **Quadrinhos em Sala de Aula: A Linguagem dos Quadrinhos.** O Povo, Fortaleza, 23 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base.** 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CATUNDA, M. A. D. **As histórias em quadrinhos no processo de alfabetização: quais estratégias as crianças utilizam para entendê-las?.** Revista Temas & Matizes, Cascavel, v. 12, n. 22, p. 75-85, 2018.

PAIVA, F. S. **Histórias em quadrinhos na educação.** Salvador: Quadro a Quadro, 2017.

SALES, C. **Quadrinhos em sala de aula: HQs - mídia parceira da pedagogia e do currículo.** O Povo, Fortaleza, 16 abr. 2018.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.